

Revista Ciências do Unifadap

ISSN: 2674-6158 (online)

V.1, n.8, dez. 2025, p. 113-125

**O ESTÁGIO EM PSICOLOGIA ESCOLAR EM TEMPOS ATUAIS: UM ESPAÇO DE
CONSTRUÇÃO CRÍTICA E VÍNCULOS HUMANOS**

Bianca Ruiz da Costa Castilho, graduanda do curso de Psicologia da UNIFADAP/Tupã,
230799@fadap.br ¹

Emili Gabrieli Fornazieri Nobre, graduanda do curso de Psicologia da UNIFADAP/Tupã,
230683@fadap.br ¹

Giovanna Stefhani Rodrigues Machado, graduanda do curso de Psicologia da
UNIFADAP/Tupã ¹

Hayssa Ayumi Vitor Fujissawa, graduanda do curso de Psicologia da UNIFADAP/Tupã,
230739@fadap.br ¹

Isabela Silva Sanchez, graduanda do curso de Psicologia da UNIFADAP/Tupã,
230772@fadap.br ¹

Lorrana Beatriz da Silva Miranda, graduanda do curso de Psicologia da
UNIFADAP/Tupã, 230892@fadap.br ¹

Mariana Juvenal Ferreira, graduanda do curso de Psicologia da UNIFADAP/Tupã,
230748@fadap.com ¹

Débora Chiararia de Oliveira, docente e coordenadora do curso de Psicologia da
UNIFADAP/Tupã/SP, psicologia.coordenadoria@fadap.br²

RESUMO: O estágio em Psicologia Escolar constitui-se como espaço essencial de formação e inserção do futuro psicólogo, no contexto educacional. Este artigo propõe uma reflexão crítica e descritiva sobre a prática do estágio de formação supervisionado na contemporaneidade, analisando a necessidade de romper com a visão reducionista da Psicologia Escolar, como mero “apagador de incêndios” e destacando a importância

¹ Graduandas do curso de Psicologia do Centro Universitário da Alta Paulista (UNIFADAP).

² Doutora em Educação (UNESP/MARÍLIA), Mestre em Ciências (FOB/USP), Especialização em Saúde Auditiva (HRAC/USP), Aprimoramento em Psicologia Hospitalar (FAMEMA). Docente do curso de Psicologia do Centro Universitário da Alta Paulista (UNIFADAP), deborachiararia@gmail.com, psicologia.coordenadoria@fadap.br

de uma atuação crítica, integradora e comprometida com a realidade social dos alunos e das escolas. Aborda-se a construção de vínculos entre psicólogos, estagiários, alunos e gestores, enfatizando a escuta qualificada e a ética do cuidado. Reflete-se sobre a influência das vulnerabilidades sociais, a necessidade de empatia dos gestores e a atuação formativa do estágio supervisionado.

Palavras-chave: Psicologia escolar. Estágio de formação supervisionado. Vínculo. Crítica reflexiva.

ABSTRACT: The internship in School Psychology constitutes an essential space for the training and integration of future psychologists in the educational context. This article presents a critical and descriptive reflection on internship practices in contemporary times, analyzing the need to overcome the reductionist view of School Psychology as a mere “fire extinguisher” and emphasizing the importance of a critical, integrative practice committed to students' social reality and schools. It addresses the construction of bonds between psychologists, interns, students, and administrators, highlighting qualified listening and the ethics of care. It also reflects on the influence of social vulnerabilities, the necessity of empathy from administrators, and the formative role of supervised internship.

Keywords: School psychology. Supervised internship. Professional training. Bonds. Critical reflexive.

INTRODUÇÃO

O estágio de formação supervisionado, em Psicologia Escolar, representa um importante momento na formação do psicólogo, pois constitui o elo entre o conhecimento teórico e a prática cotidiana. É nesse espaço que o estudante vivencia a complexidade das relações escolares, experimentando os limites e as possibilidades de sua futura atuação profissional.

Considerando alguns marcadores sociais da atualidade, como: as desigualdades sociais, o aumento dos casos de sofrimento psíquico entre alunos e professores e as tensões institucionais que atravessam a escola pública, foi consensual a decisão, durante as supervisões do estágio com a orientadora do grupo, sobre a necessidade de uma busca mais aprofundada e crítica que viabilizasse subsídios teóricos às estagiárias, para os momentos de escuta ativa e intervenção prática (dinâmica) no ambiente escolar.

Entende-se que discutir o estágio de formação supervisionado, em Psicologia Escolar exige, portanto, um olhar atento às múltiplas dimensões que configuram a prática educativa e à necessidade de uma formação crítica e comprometida com o contexto social. Mais do que aplicar técnicas ou resolver problemas imediatos, o estágio em escolar é espaço de aprendizagem ética, política e afetiva, é possibilidade de realização de diagnósticos classificatórios a fim de encaminhar crianças a classes especiais.

Deste modo, este artigo se propôs a uma reflexão sobre o estágio de formação supervisionada, em Psicologia Escolar, em tempos atuais, como um espaço de construção crítica e vínculos humanos, destacando as contradições entre a formação acadêmica e a realidade escolar, a urgência de superar práticas fragmentadas e a necessidade de construir uma psicologia escolar crítica, integradora e transformadora.

REVISÃO TEÓRICA

PSICOLOGIA ESCOLAR: BREVES APONTAMENTOS HISTÓRICOS E CONCEITUAIS

A Psicologia Escolar, historicamente, passou de uma abordagem clínica e individualizada para uma perspectiva crítica, social e institucional (Patto, 2022, p. 50; Bock, Teixeira e Furtado 2017, p. 30). Inicialmente influenciada por modelos médico-patologizantes, que concebiam as dificuldades escolares como decorrentes de déficits individuais e inaptidões cognitivas, a prática focalizava o aluno “problema”, realizando diagnósticos classificatórios e encaminhando crianças a classes especiais, desconsiderando os determinantes sociais e institucionais do fracasso escolar (Valle, 2003, p. 10; Patto, 2022, p. 45).

A partir da década de 1980, com o fortalecimento da Psicologia Crítica no Brasil, houve uma inflexão teórica e política que passou a questionar o papel histórico da Psicologia, na reprodução das desigualdades sociais e educacionais. Autores como Bock, Teixeira e Furtado (2017), Tanamachi e Meira (2003) e Souza (2017) defenderam uma Psicologia Escolar comprometida com a transformação da realidade e com a democratização do acesso ao conhecimento, compreendendo o fracasso escolar como um fenômeno social, resultado das condições estruturais e culturais que atravessam a escola e o aluno. Nesse mesmo período, a atuação do psicólogo escolar passou de uma

prática individualista para uma atuação voltada à instituição escolar e à promoção do desenvolvimento integral da comunidade escolar (Guzzo e Ribeiro, 2019, p. 20).

No cenário internacional, contribuições de Vygotsky (1991, p. 50) reforçaram uma compreensão contextual e interativa do desenvolvimento humano, mostrando que o aprendizado é mediado socialmente e que as dificuldades escolares devem ser compreendidas nas inter-relações entre sujeito, cultura e contexto. Assim, o psicólogo escolar contemporâneo deixa de ser mero aplicador de instrumentos e testes e passa a atuar como agente de mediação, prevenção e promoção da saúde escolar, favorecendo a qualidade do processo educacional por meio de uma abordagem ética, crítica e reflexiva.

O estágio supervisionado assume papel central nesse processo, pois permite aos graduandos desenvolver postura crítica, reflexiva e ética diante das dinâmicas educacionais, articulando teoria, prática e compreensão institucional (Guzzo e Ribeiro, 2019, p. 25). A formação do psicólogo escolar, portanto, não se limita a intervenções pontuais, mas exige leitura política e institucional da escola, enquanto espaço de relações, poder e produção de subjetividades, promovendo vínculos e transformações que ultrapassam o individual, em direção a uma Psicologia Escolar integradora, crítica e plural.

O ESTÁGIO DE FORMAÇÃO SUPERVISIONADO COMO ESPAÇO FORMATIVO E ÉTICO-POLÍTICO

O estágio de formação supervisionado com ênfase em Psicologia Escolar é oferecido por um Centro Universitário do interior paulista, como uma atividade curricular obrigatória para os alunos do quarto ano do curso de Psicologia. As atividades são desenvolvidas presencialmente, em escolas públicas e particulares do município onde a universidade está alocada. Têm como principal objetivo proporcionar ao discente a oportunidade de vivenciar um espaço de aprendizado ético, político e afetivo, permitindo que o estagiário compreenda as relações institucionais, desenvolva vínculos com alunos, professores e gestores, e atue de forma crítica diante das demandas e vulnerabilidades sociais que atravessam a escola. Entende-se que tal vivência representa um momento singular de articulação entre teoria e prática, um território de construção de

identidade profissional, em que o estudante se descobre como sujeito ativo, no processo de transformação social (Pimenta e Lima, 2012, p. 30).

A dimensão ético-política dessa formação também implica uma revisão constante das próprias concepções de sujeito e de educação. Como propõe Freire (1996, p. 150), educar é um ato político e ético, e o psicólogo escolar, enquanto educador, precisa reconhecer seu papel como agente transformador. Nesse sentido, esse processo exige que o estagiário ultrapasse o papel de observador e se envolva ativamente na vida escolar, construindo vínculos, escutando as demandas coletivas e compreendendo as relações de poder que atravessam o espaço educativo, as contradições do cotidiano escolar, suas dinâmicas de exclusão e resistência, e desenvolver práticas que favoreçam o diálogo e a emancipação dos sujeitos. Tanamachi e Meira (2003, p. 55) ressaltaram que o estágio deve promover uma prática reflexiva, pautada na ética do compromisso social, na crítica às desigualdades e na defesa dos direitos humanos.

A vivência concreta com alunos, professores e gestores permite ao estagiário experienciar os limites e as potências da Psicologia na escola. Como observa Souza (2017, p. 40), é na escuta sensível e na análise compartilhada das práticas que se forma o olhar ético do psicólogo. Assim, o estágio não apenas prepara o futuro profissional, mas também o estágio se torna um exercício de cidadania e não apenas de aprendizagem técnica. O qual convoca os estagiários a repensarem como alinhar suas atuações com as condições sociais que determinam o sofrimento psíquico e as desigualdades escolares.

AS MÚLTIPLAS DIMENSÕES DA PRÁTICA CONTEMPORÂNEA

A prática contemporânea da Psicologia Escolar é atravessada por múltiplas dimensões — pedagógicas, institucionais, subjetivas, culturais e políticas — que desafiam o psicólogo a adotar uma postura crítica e interdisciplinar. Em um contexto de rápidas transformações sociais e tecnológicas, marcado pela precarização do trabalho docente, pela ampliação das desigualdades e pelo aumento da vulnerabilidade social dos

estudantes, o papel do psicólogo escolar torna-se ainda mais complexo e desafiador (Guzzo e Ribeiro, 2019, p. 25).

Assim, a intervenção na escola não pode se restringir ao atendimento individualizado, mas deve contemplar a análise dos processos institucionais, dos discursos normativos e das condições concretas que produzem sofrimento e exclusão para a construção coletiva de uma prática integrativa, baseada nos sentidos e significados atribuídos de todos ali presentes. O psicólogo precisa dialogar com professores, famílias, gestores e alunos, atuando como mediador entre as diferentes esferas que compõem o ambiente educativo.

Essa compreensão amplia o campo de atuação do profissional, que passa a trabalhar também com formação de professores, mediação de conflitos, construção de projetos pedagógicos inclusivos e fortalecimento de vínculos comunitários. Como destacaram Tanamachi e Meira (2003, p. 16), a Psicologia Escolar deve se afirmar como campo de produção de sentidos sobre a educação, contribuindo para uma escola mais democrática, solidária e sensível às diversidades humanas.

Contudo, essa atuação exige constante reflexão crítica sobre os próprios limites institucionais. Muitas vezes, o psicólogo escolar se depara com a falta de recursos, o desinteresse de gestores ou o descompasso entre as políticas educacionais e as necessidades reais da comunidade escolar. Nesses contextos, a postura crítica e o compromisso ético-político são indispensáveis para evitar a reprodução de práticas assistencialistas ou normativas (Bock, Teixeira e Furtado, 2017, p. 100). Assim, a prática contemporânea se configura como um espaço de tensão e de resistência, no qual o psicólogo é chamado a construir alternativas frente às adversidades do cotidiano escolar.

VÍNCULOS, EMPATIA E A CONSTRUÇÃO DE UMA PSICOLOGIA CRÍTICA

Neste cenário ressalta-se a importância da vinculação como uma estratégia de acesso significativo aos alunos, professores e gestores, enfatizando a empatia e o diálogo contínuo. Uma Psicologia crítica e integradora busca compreender o sofrimento escolar no contexto social e estrutural, promovendo ações preventivas e transformadoras.

Portanto, a construção de vínculos humanos e de uma escuta empática constitui o núcleo ético da Psicologia Escolar contemporânea. O vínculo, conforme Valle (2003, p. 20), é elemento fundamental para que a escuta psicológica possa se tornar instrumento de transformação. É a partir da relação de confiança e reconhecimento mútuo que o psicólogo escolar compreende as expressões de sofrimento e potencializa os processos de subjetivação e aprendizagem. Nesse sentido, o vínculo não é apenas uma ferramenta técnica, mas uma postura política de valorização da alteridade e do diálogo.

A empatia, nesse contexto, extrapola a dimensão afetiva e assume caráter ético e social. Inspirando-se em Rogers (1977, p. 100), é possível afirmar que a escuta empática, quando aliada a uma leitura crítica da realidade, favorece práticas mais humanizadoras e libertadoras. Na escola, isso significa reconhecer o aluno como sujeito histórico, compreender as condições de vulnerabilidade que o atravessam e promover espaços de acolhimento e participação. A empatia torna-se, assim, fundamento da práxis crítica, pois possibilita compreender o outro em sua complexidade sem reduzir sua experiência a categorias normativas.

Como observa Freire (1996, p. 150), não há diálogo verdadeiro sem humildade, amorosidade e esperança. A prática do psicólogo escolar, portanto, deve ser guiada por esses princípios, buscando construir relações que rompam com a lógica autoritária e verticalizada ainda presente em muitas instituições de ensino. Ao promover vínculos e escuta ativa, o psicólogo contribui para a criação de ambientes educativos mais democráticos e inclusivos, capazes de reconhecer e respeitar as diferenças.

Dessa forma, a Psicologia Escolar crítica é vinculada à ética da empatia e reafirma seu compromisso com a transformação social e com a humanização das práticas educativas. Em tempos de individualismo e desumanização, resgatar o sentido do vínculo e da escuta se torna ato político e resistência. É nesse horizonte que o estágio e a prática em Psicologia Escolar podem reafirmar o papel do psicólogo, como sujeito implicado na luta por uma educação emancipadora, justa e solidária.

CARACTERIZAÇÃO DO ESTÁGIO

O grupo de estágio de formação supervisionado em Psicologia Escolar do ano de 2025 está composto por sete alunas do curso de graduação em Psicologia de um Centro Universitário do interior paulista, mais a professora supervisora. As supervisões acontecem semanalmente, na modalidade presencial, às quartas-feiras, das 16h50min às 17h50min e, das 17h50min às 18h50min, respectivamente. Além de discutirem sobre as atividades práticas que são realizadas e as teorias que as embasam, a supervisão também funciona como um espaço de acolhimento tanto para os estagiários, como para a supervisora. Tratando-se de um estágio de formação, as atividades práticas são organizadas, para que as estagiárias cumpram a carga horária prevista pelo Ministério da Educação (MEC), totalizando 52 horas mínimas. As temáticas das atividades variaram, de acordo com as demandas observadas nas escolas, como bullying, saúde mental, orientação sobre respeito mútuo, acolhimento, entre outras.

COM A PALAVRA: AS ESTAGIÁRIAS.

A vivência prática dos conhecimentos teóricos adquiridos ao longo do curso representa um momento de grande expectativa e entusiasmo para os graduandos em Psicologia. É durante o estágio de formação supervisionado que o estudante tem a oportunidade de desenvolver uma postura crítico-reflexiva acerca da organização e dos fundamentos da prática psicológica, tornando essa etapa essencial para sua formação profissional.

Assim, considerou-se oportuno trazer para a discussão deste artigo a voz de estagiárias de Psicologia Escolar, graduandas do quarto ano do curso de Psicologia de um Centro Universitário do interior paulista.

Foi possível perceber que experienciar o estágio na área de Psicologia Escolar despertou uma gama de sentimentos nas aulas do quarto ano de Psicologia. Os mais recorrentes foram preocupação, ansiedade, incerteza, angústia e frustração, como ilustrado nas seguintes falas:

“Está sendo desafiador por ser uma novidade, muitas vezes pensei que não ia dar conta de falar com a sala, porém consegui! Muitas vezes é difícil pensar no que fazer

com os alunos pela preocupação em como eles iriam agir ou reagir sobre determinados assuntos” (E1).

“A experiência no estágio escolar tem se revelado profundamente enriquecedora. Desde o início, minha expectativa era positiva, pois sempre tive uma afinidade especial por crianças e adolescentes, e o desejo de contribuir para uma formação mais leve e significativa. No entanto, ao adentrar nesse ambiente, fui confrontada com situações que geraram angústia e um certo sentimento de impotência. Como estagiária, muitas vezes me vi limitada em ações que gostaria de realizar, o que intensificou essa sensação de não conseguir ajudar da maneira que desejava” (E4).

“A dinâmica escolar é bem mais complexa do que eu imaginava com mil coisas acontecendo ao mesmo tempo e a rotina pede muita flexibilidade, empatia e adaptação.

Achei que seria mais tranquilo intervir nas situações, mas na prática é tudo muito rápido e nem sempre dá para agir como a gente planeja, eu imaginava que os alunos fossem se abrir com mais facilidade, mas percebi que conquistar a confiança deles leva tempo e é muito legal ver como pequenas mudanças de postura já fazem diferença no comportamento deles” (E6).

Interessante destacar que mesmo na atualidade a concepção sobre a atuação da Psicologia Escolar ainda está atrelada ao modelo biomédico de lidar com dificuldades de aprendizagem e/ou comportamento como patologias a serem medicadas, curadas e controladas em prol do bem-estar social, como ressaltaram E2 e E3:

“Durante a formação do curso, lemos bastante sobre a atuação real e como o psicólogo é visto dentro de um viés escolar, que é muito voltado a patologias e prática clínica, o que, na prática, acaba sendo o principal desafio de um estagiário dentro do cenário escolar: romper com essa prática estigmatizadora! As principais expectativas no começo eram que íamos conseguir desempenhar nosso verdadeiro papel dentro da escola, mas com as práticas vimos que a dificuldade era muito maior, por conta de altas demandas dos alunos vistos como “problema” (E2).

“[...] também foi possível observar o quanto alguns profissionais da instituição demonstram sinais de adoecimento emocional. Muitas vezes, esse desgaste reflete nas relações com as crianças, que acabam sendo privadas de expressar seus sentimentos livremente. Existe ainda uma tendência preocupante à adultização das crianças, como se elas precisassem amadurecer mais rápido do que o natural, deixando de vivenciar plenamente a infância.

Uma das minhas expectativas iniciais era encontrar maior abertura para o trabalho com os alunos e para o diálogo com os professores. No entanto, a realidade foi diferente. Muitos docentes se mostraram resistentes ao diálogo, focando mais em críticas e na patologização dos comportamentos dos alunos — frequentemente rotulados como “difíceis”, “hiperativos” ou com “TDAH” — sem considerar outros aspectos emocionais e sociais que envolvem o processo educativo” (E3).

Valle (2003, p. 10) já sinalizava a urgência de se romper com práticas individualistas e tecnicistas no campo da Psicologia Escolar, em favor de abordagens colaborativas, dialógicas e comprometidas com a coletividade. Dessa forma, o vínculo passa a ser uma potente estratégia de atuação neste cenário, especialmente como uma postura ética e política frente ao outro — fundamento indispensável para uma Psicologia Escolar crítica, emancipadora e socialmente engajada.

O postulado pela autora corrobora com experiências mais positivas vivenciadas pelas estagiárias, as quais possibilitaram a ampliação e sensibilização para questões importantes que permeiam as relações humanas, como a construção dos vínculos afetivos e o crescimento pessoal de todos os envolvidos:

“A experiência no estágio em Psicologia Escolar tem sido extremamente significativa para minha formação. As vivências e os vínculos que construí com os alunos têm me proporcionado aprendizados valiosos sobre o comportamento, as emoções e as formas de expressão das crianças. No ambiente escolar, é possível perceber como o afeto impacta diretamente as relações, tanto de maneira positiva quanto negativa.

Vivemos em uma sociedade em que as relações se tornaram cada vez mais superficiais. As pessoas parecem acostumadas a manter certa distância emocional,

limitando-se apenas ao cumprimento de suas funções. O estágio, nesse sentido, ampliou muito minha percepção sobre a importância das relações humanas dentro da escola e sobre como a falta de empatia e acolhimento afeta o cotidiano escolar” (E3).

“[...] essa vivência, apesar dos desafios, tem sido transformadora. A certeza de que estou trilhando um caminho significativo se fortaleceu a cada dia. O acolhimento dos responsáveis da escola e a construção de vínculos com os alunos foram fundamentais, impactando não apenas a vida deles, mas também a minha. Essa troca de experiências e o carinho estabelecido foram essenciais, tornando essa jornada não apenas um aprendizado profissional, mas um crescimento pessoal profundo. Acredito que, juntos, estamos criando memórias e transformando realidades” (E4).

“Minha experiência na psicologia escolar tem despertado cada dia mais curiosidade por esse lado da psicologia, além de me oferecer muito conhecimento sobre a área e mudar a visão anterior que eu tinha. No início do estágio, tinha muito interesse em descobrir e compreender como o psicólogo poderia atuar nesse âmbito, principalmente com crianças que era o meu foco principal. Foi muito marcante para mim a experiência de atuar com crianças, o vínculo criado com elas, o afeto recebido nos dias de intervenção, cada olhar e cada resposta recebida, fez mudar totalmente o meu olhar sobre a psicologia escolar. Hoje vejo e acredito que todas as escolas necessitam de um psicólogo para auxiliar os alunos, professores e equipe gestora, além de promover bem-estar para os alunos e um lugar acolhedor para as dificuldades, mas infelizmente ainda existe resistência para a atuação desses profissionais nesse âmbito” (E5).

“Aprendi que o vínculo e o diálogo funcionam muito mais do que tentar impor regras, percebi também que lidar com comportamentos desafiadores exige muita paciência e escuta ativa. A dinâmica escolar é bem mais complexa do que eu imaginava com mil coisas acontecendo ao mesmo tempo e a rotina pede muita flexibilidade, empatia e adaptação” (E6).

Alguns autores encontrados na literatura, como Santos et al. (2022, p. 187) evidenciaram o **vínculo** como dimensão central no exercício da escuta e do acolhimento em Psicologia Escolar, uma vez que, é por meio dessa relação de confiança que os

sujeitos encontram espaço para expressar seus sofrimentos, possibilitando processos de identificação, transferência e elaboração psíquica. A construção de vínculos sólidos favorece a criação de um ambiente acolhedor e seguro, no qual os estudantes podem explorar suas emoções e desenvolver potenciais transformadores, contribuindo, assim, para a promoção de mudanças sociais significativas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estágio em Psicologia Escolar deve ser entendido como espaço de construção crítica, capaz de articular teoria e prática, ciência e afeto, e de transformar o contexto educativo. A prática reflexiva, os vínculos humanos e a atuação ética são essenciais para uma Psicologia Escolar comprometida socialmente. O rompimento com o modelo “apagador de incêndios” e a valorização das relações e vínculos contribuem para a formação de profissionais críticos e integradores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOCK, A. M. B, TEIXEIRA, M. L.; FURTADO. O. *Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia*. São Paulo: Saraiva, 2017. **E-book**: 482p. Disponível em: <https://archive.org/details/PsicologiasUmaIntroducaoAoEstudoDePsicologia/page/n1/mode/2up>. Acesso em: 17 out. 2025.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf>. Acesso em 20 out. 2025.

GUZZO, R. S. L.; RIBEIRO, F. M. *Psicologia na Escola: Construção de um horizonte libertador para o desenvolvimento de crianças e jovens*. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, p. 298-312, jan. 2019. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S180842812019000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso: em 20 out. 2025.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: : histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2022. **E-book**: 682p. Disponível em: <https://www.livrosabertos.abcd.usp.br/portaldelivrosUSP/catalog/view/932/844/3069>. Acesso em: 17 out. 2025.

PIMENTA, S. G.; LIMA, M. S. L. *Estágio e Docência – Teoria e Prática: Diferentes Concepções*. In: BRABO, T. S. A. M.; CORDEIRO, A. P.; MILANEZ, S. G. C. (org.).

Formação da Pedagogia e do Pedagogo: pressupostos e perspectivas. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 133-152. DOI: <https://doi.org/10.36311/2012.978-85-7983-258-1.p133-152>. Acesso em 20 out. 2025.

ROGERS, C. **Tornar-se pessoa.** São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1977. Disponível em: <https://psicologadrumond.wordpress.com/wpcontent/uploads/2013/08/tornar-se-pessoa-carl-rogers.pdf>. Acesso em 18 out. 2025.

SANTOS, J. D. M., JUNG, H. S., FOSSATTI, P., LOURENÇO, G. V. Observação em psicologia escolar: vivências em uma instituição pública de ensino superior e médio. **Telos: Revista De Estudios Interdisciplinarios En Ciencias Sociales**, v. 24, n. 1, p. 176-194, 2022. DOI: <https://doi.org/10.36390/telos241.11>. Acesso em: 18 out. 2025.

SOUZA, M. P. R. Reflexões a respeito da atuação do psicólogo no campo da psicologia escolar/educacional em uma perspectiva crítica. **Formação em psicologia escolar: realidades e perspectivas.** Tradução . Campinas: Alínea, 2017. Acesso em: 17 out. 2025. Acesso em: 20 out. 2025.

TANAMACHI, E. R.; MEIRA, M. E. M. A atuação do psicólogo como expressão do pensamento crítico em Psicologia e Educação. In: MEIRA, M. E. M.; ANTUNES, M. A. M. (org.). **Psicologia escolar: práticas críticas.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. 11-62. Acesso em: 17 out. 2025.

VALLE, L. E. Psicologia Escolar: um duplo desafio. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 23, n. 1, p. 22-29, 2003. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S141498932003000100004&script=sci_abstract. Acesso em: 02 out. 2025.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente.** São Paulo: Martins Fontes Editora Ltda, 1991. Disponível em: https://www.mackenzie.br/fileadmin/ARQUIVOS/Public/1-mackenzie/universidade/pro-reitoria/graduacao-assuntos-acad/forum/X_Forum/LIVRO.VYGOTSKY.FORMACAO.MENTE.pdf. Acesso em 18 out. 2025.